ARTE, SENSIBILIDADE E RELAÇÃO DE AJUDA

ART, SENSITIVITY AND HELPING RELATIONSHIP

Carlos Santos Leal[1], Regina Célia Faria Amaro Giora[2]

Abstract *– The art one can say that it is a human, social and cultural mechanism that enables the human being to reveal in their innermost completeness, non-transferable, not reproducible, since the act with Art is reaching a spectrum of what is deeper as human possibility. Should make the Education Act a wider process than simply reproduce information, so that education focused on banking education need to understand that the human being can only assume and resume his human condition whose characteristics are met which is be free, its historical nature and change processes. Thus, the psychological counseling is one situation where it provides the necessary conditions for the occurrence of the personal and social development of those involved; the helping relationship that also offers the possibility of human encounter.*

Comumente uma das maiores dificuldades para Sensibilizar a Relação de Ajuda deve-se a dicotomização do saber. Esta dicotomização do saber impõe ao Educador a não arte nos mais diversos espaços, pois este não pode criar sua Arte Educativa, apenas reproduzir didaticamente o conhecimento acumulado e construído, perdendo consequentemente como afirma Leal (2014), seu caráter sensível, reflexivo e lapidante da Afetividade.

Assim, como não poderia deixar de ser, lançar-se no caminho de uma construção de Relações de Ajuda mais sensível é um grande desafio, visto que ao Educar com Arte não se pode reproduzir um modelo técnico, seja ele psicológico, pedagógico, familiar, político, social, outros; já que o apenas reproduzir algo é essencialmente incongruente com o sentido da Arte.

Stori (2003, p. 15) diz: "A arte, como área do conhecimento humano, abarca um amplo espectro de expressões e manifestações. Constitui um elo privilegiado entre o homem e o seu mundo, proporcionando assim, uma renovação, na qual passado e presente se unen".

A arte, como mostra Stori (2003) pode-se dizer que é um mecanismo humano, social e cultural que possibilita ao ser humano se revelar em sua integralidade mais íntima, intransferível, não reproduzível, já que ao atuar com Arte está se alcança um espectro do que há de mais profundo enquanto possibilidade humana, pois através dela encontra-se a si mesmo, e se lança a liberdade íntima para desencadear e expressar as emoções, como também para despertar e revelar as fantasias.

È interessante apresentar também que Fisher (1973) in Stori (2003, p. 16) afirma que a Arte,"...ela é o elemento necessário para a união do indivíduo com o seu universo, capacitando-o a identificar-se com a vida dos outros e a incorporar em si aquilo que ele não é, mas tem possibilidade de ser".

Precisa-se lutar para que Arte possa estar integrada na vida de todas as pessoas, para que a capacidade criativa e sensível possa promover na sociedade a construção de pessoas mais inteiras, com uma Afetividade mais vívida, mais polida, mais sofisticada, sofisticada no sentido de empática, congruente e auto-criativa.

Por isso que Caldas (2007) diz que Sensibilidade e Arte caminham juntas, portanto não se deve deixar que a técnica, que a educação bancária, que o instrumentalismo educativo, que o produtivismo de todas as formas, inclusive o acadêmico, e a racionalidade suprimam o papel fundamental da Arte, que é o redimensionar a Sensibilidade, do significar e resignificar o que está dentro e fora, contribuindo portanto de maneira contínua e sempre proximal para a construção de um ser humano com maior potencialidade criativa e consequentemente, com uma Afetividade mais disponível.

Acredita-se que as visões teóricas separatistas, que desconsideram o homem em sua complexidade e interdisciplinaridade formativa, não respondem as questões que envolvem a complexidade humana, como também questões inerentes ao Ato Educativo.

Portanto defende-se que caso se queira avançar no entendimento da complexidade dos fatores que envolvam a temática do Sensibilizar a Relação de Ajuda Através da Arte de Educar com Afetividade, precisa-se superar a bipolarização entre ênfases afetivas e cognitivas, já que o ser humano em seu todo existencial é maior do que quaisquer partes desta existência, sendo assim, não se pode deixar de buscar integrar as possibilidades de entendimentos dos aspectos afetivos e cognitivos do ser humano, e suas manifestações no Ato Educativo e na Relação de Ajuda, visto que são dimensões inerentes, concernentes e não separáveis do ser humano no seu processo de tornar-se pessoa.

Kupfer (1997, p. 2) diz que, "(...) tem-se que procurar integrar e perceber o ser humano como um ser completo e fruto dos processos em que vive, pois seu modo de agir,

[1] Carlos Santos Leal. Psicólogo. Discente do curso de Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura, c-leal1@hotmail.com
[2] Regina Célia Faria Amaro Giora. Professora do curso de doutorado em Educação, Arte e História da Cultura.

DOI 10.14684/WCCA.8.2015.203-206
© 2015 COPEC

pensar, sentir e interferir é histórico e socialmente construído".

Paulo Freire (1998), através de sua proposta educativa, defende que se deve fazer do ato Educativo um processo mais amplo do que o mero reproduzir de informações. Defende também que as pedagogias centradas na educação bancária precisam entender que o ser humano só pode assumir e reassumir sua condição humana quando forem respeitadas suas características de ordem ontológica, que é ser livre e a sua natureza histórica, que é transformar e participar do processo de mudanças.

Paulo Freire (1998) defende que o ser humano é fruto de sua historicidade e que a educação bancária não promove a transformação da história das pessoas, mas sim, o contrário, pois mantém estagnado o que já foi estabelecido pelo opressor, assim os potenciais criativos, a sensibilidade e o desenvolvimento da Afetividade ficam suprimidos pela massificação do ato bancário de educar.

Desta forma, acredita-se que se tem um longo caminho pela frente para que se possa materializar de fato as Relações de Ajuda nas ações educativas, já que comumente o que se encontra não é Relação de Ajuda mas sim, Transmissão de Conteúdo psicopedagógico, Orientação Educativa Centrada no problema ou Orientação Psicopedagógica que visa Adequar o sujeito ao Meio e encaminhamento psicológico, e estas práticas ainda são fortemente influenciadas pelo modelo bancário de educar, cuja Sensibilidade, Diversidade Cultural, Criatividade, Empatia, Estar Junto, Ser Igual e Ser Pessoa não se fazem presentes, devido a forte hierarquização na relação interpessoal estabelecida, como também na priorização da psicopatologia, e claro, da não Arte, da não Sensibilidade, da não Afetividade.

No modelo bancário de educar, como se percebe, a sensibilidade, a criatividade, a Arte e a Afetividade são suprimidas, devido discursos e práticas educativas racionalizadoras, análico-formais, objetivistas e dicotomizadores das relações humanas.

Busca-se então, nesta ânsia criativa, além de poder aprofundar no tema Sensibilidade e Arte Educativa, tornar-se um artista, um artista da arte de educar com sensibilidade, com Afetividade, ou seja, esculpir-se para depois tornar-se um facilitar do crescimento e do desenvolvimento pessoal daqueles que procuram através da Relação de Ajuda se tornar pessoas melhores, mais centradas, mais sensíveis, mais humanas, mais empáticas, com Afetividade disponível enfim, menos racional, instrumental e tecnicista.

Intenciona-se desenvolver com a Sensibilidade do Artista o refinamento da Escuta íntima, da troca participativa, do estar inteiro, do contribuir com o outro, ou seja, da Relação de Ajuda, consequentemente do Encontro facilitador do crescimento pessoal e da transcendência, como também do se despir das amarras que aprisionam a capacidade criativa e intuitiva do Ato Educativo libertador, como diz Freire (1998).

Santos (2003) in Stori (2003), ao escrever o prólogo do Livro O despertar da Sensibilidade na Educação faz a linda apreciação:

"Buscar a sensibilidade [...] é tarefa que exige dos educadores um momento de reencontro com sua própria sensibilidade".

E mais, apresenta com magnífica sensibilidade que este percurso não está pronto, já que cada pessoa é única e possui espátulas para esculpir sua própria arte através dos recursos e potenciais que lhe são inerentes, além é claro de sua historicidade peculiares. Santos (2003) defende no mesmo prólogo, que o caminho do desenvolvimento do ser sensível, logo da Afetividade, não pode ser determinado previamente, pois nenhum humano pode predizer o caminho que irá percorrer ao longo de sua existência; assim cabe frente a esta reflexão a cada ser humano reconhecer que o caminho de cada pessoa apenas será construído através de cada passo dado.

Na mesma perspectiva de pensamento tem-se Veyne (2013) in Novais e Silva (2013) que ao refletir em seu artigo A História Conceitualizante, mostra que o ser humano no seu devir histórico, só tem conhecimento do imediato, e tudo o mais que apreende nos intercursos dos acontecimentos apenas será compreendido de maneira parcial e confusa.

Desta forma, como também afirma Santos (2003), não se pode determinar nenhum caminho antes que o mesmo se revele na materialidade da vida, pois se a vida é um fluxo, um contínuo fluídico que não se pode determinar a causalidade e muito menos o destino, o ser humano precisa aprender a lançar-se a vida, a correr riscos, a contemplar a estética da vida, as cores dos dias e os tons dos ventos; precisa aprender a contemplar a vitrine do percurso vivido, ou seja, precisa aprender a materializar, a esculpir, a pintar, a riscar, a significar e resignificar sua própria Afetividade.

Para isso é necessário que inicialmente se acate humildemente o princípio de que não é possível determinar a trilha a ser percorrida, os afetos que serão vivenciados, muito menos os eleitos a serem degustados. Precisa-se aceitar também que da mesma forma que o saber sobre o mundo imediato e físico será parcial e confuso, será confuso e parcial também a compreensão da Afetividade humana, já que como afirma Veyne (2013) in Novais e Silva (2013, p. 485) "O intercurso dos acontecimentos só é conhecido de maneira parcial e confusa".

Neste entendimento, portanto, a Arte de Educar é um constante devir, e no percurso revelado e a se revelar o ser humano pode se tornar cada vez mais uma pessoa, pois como diz Rogers (2008), o ser humano nasce humano mas se torna pessoa, e é pelo caminho do tornar-se pessoa que se conhece e reconhece, se transforma e desenvolve seus potenciais criativos, dentre eles o de ser potencialmente um ser que sente, que tem sensibilidade e anseia vivenciar sua Afetividade.

Sincronicamente a esta compreensão, Stori (2014) ao ministrar aula no curso de Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura, na Universidade Presbiteriana

Mackenzie, poeticamente ensinou que na Arte de Educar o artista não sabe como fazer, e que é o caminho que vai mostrando ao artista [a quem educa] por onde ir, e que ao seguir intuitivamente este caminho, a Arte de Educar vai se esculpindo e encontrando sua forma, se mostra, se constrói e se materializa.

E mais, disse também na mesma aula que só o artista [educador] sabe onde quer chegar, mas não no nível cognitivo, mas sim num nível muito mais profundo, meta cognitivo, puramente intuitivo, onde só através da sensibilidade pode se alcançar e sentir a luz deste caminho, e que mesmo sem entender a lógica da necessidade que grita por revelar-se e esculpir-se como materialidade criativa [educativa], quase sempre quando autorizado intimamente, o percurso da criatividade e criação se concretiza na maestria do maestro.

Contudo, na antítese da vida e nos percursos revelados, apesar de só o artista [educador] saber onde quer chegar através de sua arte, ingenuamente ele não sabe como chegar, já que é no andar da carruagem que se constrói a consciência do caminho a ser percorrido, seu ponto de partida, descanso e chegada, sendo que sempre ficará uma questão: Onde é o fim do caminho? Onde é o ponto de partida e chegada? Assim, o querido professor em sua Arte de Educar diz que: "A obra é o resultado de um processo". Stori (2014).

A Relação de Ajuda proposta por Rogers (1977), se dá na medida em que pelo menos uma das partes procura através da sensibilidade, da aceitação positiva incondicional, e do querer estar para e com o outro, promover o crescimento, o desenvolvimento, a maturidade, um melhor funcionamento e uma maior capacidade de enfrentar a vida. Sendo assim, (...) "qualquer relação pessoa/pessoa que se enquadre na definição acima pode ser considerada uma ´relação de ajuda` ". Rogers (1977, p.43).

Rogers (2008), afirma que quando se estabelece uma Relação de Ajuda e se educa por meio da Afetividade, mais facilmente o ser humano revela suas potencialidades criativas, sua sensibilidade, seu poder pessoal de atualização e de auto-ajustamento frente à vida.

Acredita-se que quando se consegue estabelecer a Relação de Ajuda promove-se intuitivamente a Arte de Educar, diz-se intuitivamente pois o encontro onde se materializa a Relação de Ajuda não é promovido por técnicas pedagógicas ou psicológicas, mas sim por autorização íntima, por abertura ao próximo, por querer mutuamente estar com o outro, consequentemente torna-se pessoa com o outro.

Para Rogers (2008) não há encontro humano sem aprendizagem, sem transformação, sem levar do outro e deixar com este algo seu. Assim, referencia-se que se a Afetividade for Vivenciada nos Espaços Educativos através da Relação de Ajuda, os educadores através de sua Arte de Educar estarão contribuindo para a construção de seres humanos contínuos e fluídicos frente ao seu Jeito de Ser espontâneo, crítico, atualizante, proximal e social.

Acredita-se ainda que através da Relação de Ajuda e da Afetividade, o educador em sua Arte de Educar pode construir sua sensibilidade e consequentemente, ajudar a construir no outro humano o desenvolvimento das suas potencialidades, afirmando este entendimento cita-se Rogers (2008), que afirma que o desenvolvimento dos potenciais humanos será facilitado quando as pessoas encontrem nas relações interpessoais as condições facilitadoras para promoção e vivência desta.

Observa-se que nas concepções de competência do mundo atual, não mais se aceita a antiga conotação de competência onde o Educador, no fazer de sua Arte, deveria ser distante, imparcial, isolado, neutro e não relacional.

Este modelo de ser Educador, hoje, não corresponde segundo Rogers (2008), e pelo que se observa, às expectativas da pessoa humana que procura e se submete a Relação de Ajuda, pois existe nos educandos a procura pelo se educar, se relacionar, trocar e interagir com o outro, portanto, verifica-se que existe uma busca pelo educador que não seja bancário, autoritário, distante, frio, avaliativo, interpretativo, mensurador, analítico.

Verifica-se que as pessoas que procuram a Relação de Ajuda buscam um educador que vivencie e materialize a Arte de Educar, que revele uma alma humanista, com senso histórico, crítico e participativo, e que através do seu Ato Educativo auxilia o outro ser humano na construção do seu Tornar-se Pessoa mais sensível e com Afetividade fluídica.

Um dos caminhos propostos por Freire (1998), para iniciar a transformação social e modificar a estabilidade conservadora da história da educação, é considerar o ser humano como um ser político, autônomo, livre, cheio de sensibilidade e alegria, pois a afetividade não se encontra excluída da cognoscibilidade.

Infelizmente, na práxis educativa bancária, muitos educadores ainda acreditam que a Afetividade pode prejudicar o bom andamento do processo ensino-aprendizagem. Pensam que o bom educador ao exercer a função com afetividade pode perder a autoridade e mal exercer a ética do julgamento que a ele cabe nas notas, nas observações e avaliações.

A educação é uma prática estritamente humana, não se pode considerá-la, "(...)como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos, as emoções, os desejos, devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionalista". Freire (1998, p. 164-65).

A conquista aos direitos inerentes ao existir humano deve ser promovida por todos os humanos no exercício de suas atividades profissionais, sociais e humanitárias. Deve-se promover através de interesses comuns, as mudanças, as conquistas e o verdadeiro ato de amor, que neste entendimento, é a verdadeira solidariedade, humanidade e fazer existencial, pois "Só na plenitude deste ato de amar, na sua existenciação, na sua práxis, se constitui a solidariedade concretamente verdadeira. Dizer que os homens são pessoas e, como pessoas, são livres, e nada concretamente fazer para que esta afirmação se objetive, é uma farsa". Freire (1998, p.36).

Assim, defende-se que através da Afetividade educadores das mais diversas formações, poderão promover Relação de Ajuda através da arte de educar, e estas atitudes promoveram o desenvolvimento proximal, a aceitação incondicional positiva, a congruência e a compreensão empática, como também, a experiencialidade, a transcendência, a sensibilidade, a criatividade, enfim, a Afetividade nos diversos espaços educativos.

Portanto, considerando que os educadores que buscam promover o desenvolvimento dos potenciais humanos necessitam ser orientados pelo aprender a conhecer, já que movido pela vocação de potencializar outro humano, também busca potencializar seu próprio humano, seus próprios recursos, logo, sua própria Afetividade.

Necessita ainda orientar-se pelo aprender a fazer, pois é congruente buscar ser uma consciência criativa, com sensibilidade e com arte, para enfrentar as situações adversas que a vida apresenta para viver em maior harmonia, contemplação do belo, congruência e fluidez frente à vida.

Assim, acredita-se que os educadores devem intencionar orientar-se também pelo aprender a viver juntos, devido à constante expectativa humana pelo interagir e revelar-se através do outro, já que o ser humano se reconhece e se torna consciente do seu jeito de ser, comumente, através do que revela na relação com outro ser humano.

Assim, como não poderia deixar de ser os educadores precisam orientar-se pelo aprender a Ser, para que na relação dialógica experienciem o melhor da própria personalidade para poder vivenciar nas relações interpessoais nos mais diversos espaços educativos onde se efetivam as Relações de Ajuda, e consequentemente maior autonomia, espontaneidade relacional, consciência pessoal, menor fixidez, enfim, maior fluidez, abertura à experiência, a criatividade, a sensibilidade, em suma à AFETIVIDADE.

Por isso, é muito necessário que se aprofunde no tema Sensibilizando a Relação de Ajuda Através da Arte de Educar com Afetividade para que se promova no trabalho educativo maior eficácia e integralidade, onde o ser humano seja percebido em sua história, pluralidade, interdisciplinaridade, possibilidade existencial e potencial criativo.

Acredita-se que assim os Educadores através da Arte de Educar estarão contribuindo para a construção de uma sociedade mais integrada, crítica, holística, sensível, humanista, proximal, incondicional, compreensiva, congruente, experiencial e progressista.

Desta forma, se os educadores através da Arte de Educar, puderem através destes aprofundamentos estimular diálogos mais clarificadores sobre o tema, como também divulgar e pesquisar com maior arcabouço teórico e experiencial a dimensão do Sensibilizar a Relação de Ajuda Através da Arte de Educar com Afetividade acredita-se um novo homem pode ser construído em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

CALDAS, W. Ver Anais da Quinta Bienal. O artista expôs na Quinta Bienal de Artes do Mercosul e participou da mesa redonda Arte Educação no simpósio da Fundação Bienal em abril., 2007.

FISCHER, E. A Necessidade da Arte. 9 Ed. Rio de Janeiro. Editora LTC., 2007.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa. 9. Ed. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra., 1998. Pag. 159-165.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 25. Ed. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra., 1998. Pag. 09-120, 184.

FREIRE, P. Professora sim tia não, cartas a quem gosta de ensinar. São Paulo. Editora Olho d' água., 1998. Pag. 10.

KUPFER, M. C. M. Revista Idéias (FDE). Afetividade e Cognição: uma dicotomia em discussão (3)., 1997. Pag. 01-31.

LEAL,C.S. Sensibilizando a Educação. São Luís. Edceuma., 2014.

NOVAIS, A. F. & SILVA, R. F. Nova História em perspectiva. Vol II. São Paulo. Editora CosacNaify., 2013.

ROGERS, C. R. Tornar-se Pessoa. São Paulo. Editora Martins Fontes., 1973/1998.

STORI, N. O despertar da sensibilidade. São Paulo. EdMack., 2003.